

A eficácia salvífica da Caridade do Sangue de Cristo: Teologia da redenção a partir do beato Tomás Maria Fusco¹

*The salvific efficacy of the Charity of the Blood of Christ:
A Theology of Redemption from the Perspective
of Blessed Tommaso Maria Fusco*

GILCEMAR HOHEMBERGER*

Resumo: O artigo investiga a eficácia salvífica do sangue de Cristo a partir da espiritualidade do beato Tomás Maria Fusco, propondo a categoria “caridade do sangue de Cristo” como chave interpretativa da redenção. Em diálogo com a Escritura, a tradição teológica e a soteriologia contemporânea, sustenta-se que o sangue de Cristo não deve ser compreendido apenas em perspectiva sacrificial ou jurídica, mas como expressão histórica da caridade trinitária manifestada na autodoação do Filho. A reflexão evidencia a unidade entre sacrifício, amor e redenção, oferecendo uma releitura teológica capaz de superar reducionismos juridicistas e moralizantes.

Palavras-chave: Redenção. Sangue de Cristo. Caridade. Tomás Maria Fusco. Soteriologia.

Abstract: This article investigates the salvific efficacy of Christ's Blood through the spirituality of Blessed Tommaso Maria Fusco, proposing the category “charity of the Blood of Christ” as a hermeneutical key to redemption. In dialogue with Scripture, theological tradition, and contemporary soteriology, it argues that Christ's Blood should not be

¹ Artigo elaborado e publicado com o apoio das Filhas da Caridade do Preciosíssimo Sangue. O autor expressa especial gratidão à Ir. Alfonsa Bove, FCPPS, a quem dedica este estudo, em sinal de estima e reconhecimento.

* Professor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. Doutor em Teologia pela PUC-Rio. Contato: gilcemar.hohemberger@professor.fsbrj.edu.br.

understood merely in sacrificial or juridical terms, but as the historical expression of Trinitarian charity manifested in the self-gift of the Son. The study highlights the unity between sacrifice, love, and redemption, offering a theological reinterpretation capable of overcoming juridical and moralistic reductions.

Keywords: Redemption. Blood of Christ. Charity. Tommaso Maria Fusco. Soteriology.

Introdução

A questão da redenção permanece no centro da teologia cristã, mas sua compreensão contemporânea frequentemente oscila entre reduções moralizantes, simbólicas ou juridicistas, que tendem a obscurecer a densidade do mistério salvífico revelado em Cristo. Em muitos contextos, a cruz é interpretada predominantemente como um evento exemplar — manifestação de solidariedade ou de denúncia da injustiça — ou, em outro extremo, como satisfação de uma exigência jurídica divina, enfraquecendo a percepção de sua natureza mais profunda como ato de amor trinitário. Tal tensão hermenêutica exige uma retomada das fontes bíblicas e da tradição dogmática, a fim de restituir à redenção sua unidade intrínseca entre sacrifício, amor e comunhão.

Nesse horizonte, a categoria do “sangue de Cristo” emerge como elemento central da linguagem soteriológica da Escritura. Longe de constituir um resquício de religiosidade arcaica ou de violência sacralizada, o sangue, na tradição bíblica, designa a *vida entregue*, tornando-se sinal da aliança e mediação da reconciliação entre Deus e a humanidade. No Novo Testamento, essa linguagem atinge sua plenitude na *autodoação de Cristo*, cuja morte não pode ser compreendida adequadamente senão como expressão *suprema da caridade divina*. Assim, o sangue de Cristo não se reduz somente a um preço pago, mas revela-se como manifestação histórica do amor de Deus que se doa até o fim.

A tradição teológica, desde os Padres da Igreja até a síntese escolástica e o magistério contemporâneo, buscou explicitar o significado desse mistério. Embora diferentes modelos tenham sido propostos — como a recapitulação, a satisfação ou o sacrifício —, todos convergem, em sua forma mais autêntica, para a compreensão da redenção como obra do amor divino. Nessa linha, o Catecismo da Igreja Católica afirma que a entrega de Cristo se dá “por amor

a nós” e que sua morte constitui o sacrifício único e definitivo, no qual se manifesta a obediência filial e a caridade redentora: “É o ‘amor até ao fim’ que confere ao sacrifício de Cristo o valor de redenção e reparação, de expiação e satisfação. Ele conheceu-nos e amou-nos a todos no oferecimento da sua vida” (CEC, n. 616).

É nesse contexto que se insere a contribuição do Beato Tomás Maria Fusco, cuja espiritualidade e reflexão destacam, de modo particular, a relação intrínseca entre o sangue de Cristo e a caridade como exigência para a compreensão da redenção.² Em seu apostolado e seus escritos, o sangue não aparece apenas como elemento sacrificial, mas como linguagem concreta do amor extremo de Deus, capaz de regenerar a humanidade e introduzi-la na comunhão divina. Tal perspectiva, ainda pouco explorada no âmbito acadêmico, oferece uma chave interpretativa fecunda para a compreensão da redenção, ao integrar dimensão bíblica, dogmática e espiritual.

Diante disso, o presente artigo se propõe a investigar em que medida a noção de “caridade do sangue de Cristo” pode ser compreendida como categoria teológica adequada para expressar o núcleo da redenção cristã. A hipótese que orienta esta pesquisa é a de que a eficácia salvífica do sangue de Cristo só pode ser plenamente compreendida à luz da caridade trinitária, da qual ele constitui a manifestação histórica, e que a reflexão do beato Tomás Maria Fusco oferece uma contribuição significativa para essa releitura.

Metodologicamente, o estudo articula dois níveis complementares: (1) a análise bíblica da linguagem do sangue como expressão de vida e aliança; (2) a releitura teológica da espiritualidade de Tomás Maria Fusco, com especial atenção à sua dimensão de caridade. Com isso, pretende-se não apenas iluminar um aspecto específico da soteriologia, mas também contribuir para uma compreensão mais integral do mistério cristão da redenção, em sua unidade de amor, sacrifício e comunhão.

Ao enfatizar a “caridade do sangue de Cristo”, Fusco parece propor uma síntese implícita entre sacrifício e amor, na qual o sangue não é compreendido como elemento isolado ou material, mas como expressão concreta da doação total de Cristo. A categoria de “caridade do sangue de Cristo” permite superar as tensões entre modelos jurídicos, sacrificialistas e existenciais da redenção,

² “O tema constante de toda a atividade pastoral do P. Tomas é o da redenção, um mistério que lhe é particularmente caro e que ele quer que seja anunciado a todos, sem qualquer distinção de lugar, de tempo ou de idade [...]” (Fraccica, 1990).

oferecendo uma síntese teologicamente consistente, enraizada na Escritura e na tradição, e capaz de dialogar com a reflexão contemporânea. Desse modo, a presente reflexão busca não apenas recuperar a unidade interna da doutrina da redenção, mas também evidenciar a atualidade da espiritualidade de Tomás Maria Fusco como chave interpretativa para uma compreensão mais profunda do mistério salvífico cristão.

1 Fundamentação bíblica: o sangue como expressão da vida doada

A compreensão teológica do sangue de Cristo exige, antes de tudo, uma análise rigorosa de seu significado no horizonte bíblico. Longe de constituir um elemento meramente ritual ou simbólico, o sangue aparece, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, como categoria densa que articula vida, aliança e expiação. Uma leitura adequada dessa tradição permite superar interpretações reducionistas e evidenciar que o sangue, na Escritura, designa fundamentalmente a vida enquanto doada — o que abre caminho para sua interpretação em chave de caridade.

Albert Vanhoye chama a atenção para um dado muito significativo: o Novo Testamento fala do sangue de Cristo com uma frequência surpreendentemente maior do que fala de sua carne ou de seu corpo, sugerindo que a catequese e a teologia deveriam conferir maior destaque a essa dimensão da redenção.³ Para compreender essa importância e centralidade do Sangue no Novo Testamento, é necessário ler seus textos tendo como pano de fundo o Antigo Testamento, pois “o mistério do sangue de Cristo estende-se, portanto, por todo o arco da revelação bíblica, desde o livro do Gênesis até o livro do Apocalipse” (Vanhoye, 1991, p. 18).

1.1 O Sangue no Antigo Testamento⁴

No Antigo Testamento, o ponto de partida hermenêutico encontra-se em Lv 17,11: “pois a vida (*néfesh*) da carne está no sangue (*dam*)”. O termo

³ O autor faz uma incômoda constatação: “em matéria de catequese bíblica sobre o sangue de Cristo é constatada a elevada frequência desse tema nos escritos do Novo Testamento. De um total de 97 ocorrências da palavra grega *haima* (“sangue”), nada menos que 42 referem-se ao sangue de Cristo. Em contrapartida, para a palavra correlata “carne” (*sárx*, em grego), as ocorrências que dizem respeito a Cristo são apenas 20, num total de 147; para a palavra “corpo” (*sôma*, em grego), o número é 32, num total de 142. A comparação revela, portanto, uma insistência claramente maior sobre o “sangue de Cristo”. (Vanhoye, 1991, p. 17)

⁴ Para uma análise mais completa do Sangue no Antigo Testamento, consultar: CONTEGIACOMO, L. *Antico Testamento*. In: VEGLIANTI, T. (org.). *Dizionario Teologico sul Sangue di Cristo*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007, pp. 88-94.

hebraico *néfesh* não se refere a uma “alma” no sentido dualista, mas à vida concreta do ser vivo, enquanto princípio vital indivisível. O sangue, por sua vez, não é apenas um fluido biológico, mas o portador dessa vida (MICCI, 1987, p. 26). Por essa razão, ele pertence a Deus e não pode ser apropriado pelo homem. A proibição do consumo de sangue (cf. Lv 17,10) não expressa um tabu irracional, mas o reconhecimento de que a vida é dom divino.

O Antigo Testamento ensina, antes de tudo, um profundo respeito pelo sangue, por todo sangue, inclusive o dos animais; um respeito propriamente religioso, porque se fundamenta numa relação especial entre o sangue e Deus. O sangue é considerado sagrado. [...] O sangue é sagrado porque é a “alma” do ser vivo, ou seja, o princípio vital, a *néfesh* em hebraico. [...] Sendo o sangue o princípio vital, ele possui uma relação especial com Deus, porque Deus é a fonte da vida e o Senhor de todos os vivos. A sacralidade reconhecida ao sangue deriva precisamente dessa relação (Vanhoye, 1991, p. 8).

Essa concepção fundamenta o uso cultural do sangue nos ritos sacrificiais.⁵ Ao ser derramado sobre o altar, o sangue não representa uma violência arbitrária, mas a oferta da vida a Deus, em vista da reconciliação (Micci, 1987, p. 30). A lógica sacrificial veterotestamentária não deve ser interpretada como tentativa humana de apaziguar uma divindade irada, mas como mediação simbólica da restituição da vida a seu autor. Nesse sentido, o sangue assume uma função expiatória (*kippēr*), não por si mesmo, mas enquanto sinal eficaz da vida entregue diante de Deus.

O poder expiatório do sangue deriva precisamente do fato de ele ser o princípio da vida. O sangue não tem eficácia por si mesmo; sua eficácia procede do significado que Deus lhe conferiu dentro da economia da Aliança (Vanhoye, 1991, p. 19).

Essa dimensão atinge uma forma particularmente significativa no rito da aliança em Ex 24,8, onde Moisés asperge o povo com o sangue, dizendo: “Este é o sangue da aliança que o Senhor fez convosco”. Aqui, o sangue não apenas

⁵ Vanhoye (1991, p. 20) observa que o uso ritual do sangue não apenas era permitido, mas prescrito. Após a saída do Egito, depois do primeiro rito envolvendo sangue mencionado na Bíblia – o sangue do cordeiro pascal (cf. Ex 12,7,22), o principal uso do sangue entre os israelitas passou a ser o uso cultural nos sacrifícios. O sangue, portanto, é destinado à relação com Deus. O uso cultural do sangue não é apresentado como uma manifestação de generosidade do homem para com Deus, mas, ao contrário, como um dom de Deus ao homem (Lv 17,11).

purifica, mas estabelece comunhão: ele vincula Deus e o povo numa relação de pertença recíproca. A aliança é, portanto, selada pela vida, e não por um contrato jurídico externo.

Tudo isso manifesta o imenso valor atribuído ao sangue nas relações com Deus, ainda que se trate do sangue dos animais. No entanto, o valor do sangue humano é considerado ainda mais elevado, porque o homem e a mulher foram criados à imagem de Deus (Gn 1,26-27). O Antigo Testamento exige, portanto, para o sangue humano um respeito ainda maior, o que tem como consequência a exclusão de qualquer uso cultural. Observa Vanhoye que “o Antigo Testamento não admite nenhum uso ritual do sangue humano; ao contrário, proíbe qualquer utilização dele” (1991, p. 20).⁶ Os profetas frequentemente acusam Israel de derramamento de sangue inocente e, por esse motivo, anunciam terríveis castigos divinos (cf. Is 1,15; 59,3; Jr 19,4; Ez 22).

Desse modo, se o sangue dos animais era sagrado por estar ligado à vida, o sangue humano possui uma dignidade incomparavelmente maior porque pertence a seres criados à imagem de Deus. Por isso, o sangue humano não pode ser utilizado em ritos culturais; Deus se apresenta como seu defensor; o derramamento de sangue inocente clama por justiça diante de Deus. Esse contexto ajuda a compreender a singularidade do Sangue de Cristo. O Novo Testamento não apresenta simplesmente o sangue de mais um homem, mas o sangue do Homem-Deus. Nele convergem dois aspectos aparentemente opostos do Antigo Testamento: a absoluta inviolabilidade do sangue inocente e a possibilidade de oferecer a própria vida pela salvação dos outros. O que era apenas esboçado nos mártires de Israel alcança sua plenitude em Cristo, que derrama voluntariamente seu sangue inocente para a redenção do mundo.⁷ Essa é a grande novidade da Nova Aliança.

⁶ A Noé, depois do dilúvio, Deus declara: “Do vosso sangue, isto é, da vossa vida (*néfesh*), pedirei contas” (Gn 9,5). Assim, o próprio Deus se apresenta como guardião e defensor do sangue humano. Derramar o sangue de um homem é um crime gravíssimo. Segundo o Antigo Testamento, a punição para esse crime não pode ser outra senão a morte: “Quem derramar o sangue do homem, pelo homem terá o seu sangue derramado, porque Deus fez o homem à sua imagem” (Gn 9,6).

⁷ Quanto ao sangue humano, o Antigo Testamento distingue duas formas de derramamento de sangue. De um lado, o derramamento de sangue inocente, que é criminoso; de outro, o derramamento penal do sangue, isto é, a pena de morte, considerada necessária para purificar a terra dos crimes. O Antigo Testamento não fala explicitamente da possibilidade de uma pessoa derramar o próprio sangue para salvar outras. Contudo, em 2 Macabeus 7,37, um dos sete irmãos mártires exprime uma ideia muito próxima, embora utilizando outra linguagem: ele fala de oferecer o próprio corpo e a própria alma (ou vida) em favor do povo.

Nessa mesma linha, do sangue humano, um exemplo expressivo desse desenvolvimento dinâmico e orgânico da teologia do sangue no Antigo Testamento pode ser identificado na comparação entre o sangue de Abel e o de Isaac. Segundo Micci (1987, p. 37):

Um é o sangue de Abel, outro é o sangue de Isaac. Abel derramou o seu sangue por causa do pecado de Caim; Isaac esteve prestes a derramar o seu sangue pela obediência de Abraão, seu pai, a Deus. Abel foi morto por traição; Isaac estava para ser morto não pela vileza da traição, mas pelo heroísmo do amor e da fidelidade. O sangue de Abel tem grande valor, como sangue do justo derramado pela iniquidade do irmão opressor; o sangue de Isaac tem um valor maior, porque é oferecido pelo amor. (tradução nossa)

O texto propõe uma distinção profundamente simbólica entre dois “tipos” de sangue na Escritura. O sangue de Abel (cf. Gn 4) é o sangue do justo inocente, vítima da violência, da inveja e do pecado. Ele “clama da terra” (Gn 4,10), tornando-se sinal da injustiça humana e da ruptura da fraternidade. É, portanto, um sangue passivo, sofrido. O sangue de Isaac (cf. Gn 22), por sua vez, não chega a ser derramado, mas está no limiar do sacrifício. Ele representa a disposição de entrega, marcada pela obediência de Abraão e pela confiança radical em Deus. Aqui aparece um sangue oferecido em intenção, não imposto pela violência, mas orientado pelo amor e pela fidelidade.

Segundo a definição hierárquica sugerida por Micci – o sangue de Isaac como “maior” – não diminui o valor de Abel, mas introduz uma categoria essencial na teologia bíblica: a passagem do sofrimento injusto para a oferta voluntária. Essa distinção aponta claramente para Cristo: Ele é como Abel, o justo morto pela iniquidade; mas sobretudo é mais que Isaac, pois não apenas esteve prestes a morrer: Ele oferece efetivamente o seu sangue, livremente (cf. Jo 10,18). O texto prepara uma leitura tipológica: o sangue bíblico atinge seu sentido pleno quando passa de violência sofrida a dom de amor — o que culmina no mistério da Cruz.

A passagem do Antigo ao Novo Testamento revela um aprofundamento decisivo do significado do sangue: aquilo que, em Abel, aparece como violência sofrida — o sangue do justo que clama por justiça diante de Deus (cf. Gn 4,10) — e que, em Isaac, se eleva à disponibilidade oblativa, ainda não consumada, encontra em Cristo sua realização plena e definitiva. Com efeito, no Novo Testamento, especialmente à luz de Hb 12,24, o sangue de Cristo “fala melhor do que o de Abel”, pois já não clama por vingança ou apenas denuncia a

injustiça, mas se torna mediação de reconciliação e perdão. Nele, o sangue deixa de ser apenas sinal do pecado humano ou figura de obediência para tornar-se sacrifício redentor, livremente assumido e eficaz para a salvação. Assim, a economia veterotestamentária, marcada pela tensão entre sofrimento injusto e oferta inacabada, atinge seu *télos* no mistério pascal: o sangue derramado de Cristo não só manifesta o amor obediente ao Pai, mas inaugura uma nova aliança, na qual o dom de si transforma a violência em graça e a morte em vida.

1.2 O Sangue no Novo Testamento⁸

O Antigo Testamento mostra uma progressão muito importante na pedagogia divina: o sangue não pode ser usado profanamente, porque pertence à esfera da vida, que pertence a Deus; o sangue é reservado ao culto, tornando-se instrumento da relação entre Deus e seu povo; o sangue expia os pecados, por disposição divina; o sangue sela a aliança e consagra, unindo o homem a Deus. Tudo isso prepara diretamente a compreensão do Novo Testamento. Quando Jesus diz na Última Ceia: “*Este é o meu sangue da nova aliança*” (Mt 26,28), Ele reúne e leva à perfeição todos esses significados veterotestamentários: seu Sangue protege da morte, expia os pecados, estabelece a Nova Aliança e consagra o povo de Deus. Sob essa perspectiva, a teologia do Preciosíssimo Sangue não é um tema secundário da Revelação, mas um dos seus fios condutores, desde o cordeiro pascal até o sacrifício redentor de Cristo na Cruz.

A teologia paulina aprofunda essa compreensão ao associar explicitamente o sangue de Cristo à justificação e reconciliação. Em Rm 5,9, afirma-se que “somos justificados pelo seu sangue”, enquanto em Ef 1,7 se declara que “temos a redenção pelo seu sangue, a remissão dos pecados”. O termo grego *haima* (sangue) mantém sua densidade semântica veterotestamentária, mas adquire um caráter cristológico pleno: trata-se da vida do Filho entregue por amor. A eficácia salvífica do sangue não decorre de um mecanismo ritual, mas da qualidade da doação que ele expressa.

É, contudo, na Carta aos Hebreus que se encontra a elaboração mais sistemática da teologia do Sangue de Cristo no Novo Testamento (Vanhoye, 1991, p. 23).⁹ O autor apresenta Cristo como o verdadeiro sumo sacerdote

⁸ Para uma análise mais completa do Sangue no Novo Testamento, consultar: CONTEGIACOMO, L. *Nuovo Testamento*. In: VEGLIANTI, T. (org.). *Dizionario Teologico sul Sangue di Cristo*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007, pp. 964-972.

⁹ Sobre o sangue na Carta aos Hebreus, consultar o artigo do autor: VANHOYE, A. Sangue di Cristo (nella Lettera agli Ebrei). In: VEGLIANTI, T. (org.). *Dizionario Teologico sul Sangue di Cristo*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007, pp. 1175-1181.

que entra no santuário “não com sangue de bodes e novilhos, mas com o seu próprio sangue” (Hb 9,12), realizando uma redenção eterna. O contraste com os sacrifícios da Antiga Aliança não implica a negação de seu valor religioso, mas evidencia sua insuficiência diante da eficácia plena do sacrifício de Cristo.

A chave hermenêutica dessa interpretação encontra-se em Hb 9,14: Cristo oferece-se “pelo Espírito eterno”. O sacrifício não é reduzido a um rito exterior ou a um simples derramamento material de sangue, mas constitui um ato interior de oblação, expressão suprema da obediência filial ao Pai e da solidariedade redentora para com a humanidade. O sangue de Cristo torna-se, assim, o sinal visível de uma entrega pessoal total.

Na Última Ceia, ao falar do “sangue da aliança”, Jesus já estabelecia implicitamente uma relação com o rito da primeira aliança celebrado no Sinai (cf. Ex 24,8). A Carta aos Hebreus desenvolve amplamente essa perspectiva, estabelecendo um confronto metódico entre o sangue de Cristo e o sangue das vítimas do culto antigo. Há, antes de tudo, elementos de continuidade: o sangue de Cristo é sangue da aliança (Hb 10,29; 13,20), como o sangue aspergido por Moisés sobre o povo (cf. Ex 24,8; Hb 9,20); é sangue derramado para a santificação (Hb 13,12), em paralelo com o sangue levado pelo sumo sacerdote ao Santo dos Santos para expiação das faltas (cf. Lv 16,14-15; Hb 9,13).

Todavia, é precisamente nesse paralelismo que emerge a superioridade absoluta do sacrifício de Cristo. Enquanto os antigos sacerdotes ofereciam sangue alheio, Cristo oferece o próprio sangue (Hb 9,12), isto é, oferece a si mesmo (Hb 9,14). Sua oblação não consiste num gesto ritual externo, mas num ato plenamente pessoal e consciente, marcado pela perfeita docilidade ao Pai e pela comunhão solidária com os pecadores.

Por isso, Cristo torna-se o mediador da Nova Aliança (Hb 9,15; 12,24). Seu sangue, inseparável da ação do Espírito Santo (cf. Hb 9,14), possui eficácia verdadeiramente transformadora: purifica as consciências, santifica os fiéis, concede acesso a Deus e inaugura uma comunhão nova e definitiva entre Deus e a humanidade (cf. Hb 10,19; 10,29). O sangue de Cristo não produz apenas uma purificação ritual externa, como acontecia nos antigos sacrifícios, mas realiza uma renovação interior do homem.

A Carta aos Hebreus ocupa, portanto, um lugar central na soteriologia neotestamentária do Sangue de Cristo (Vanhoye, 2007, p. 1175). Nela se concentra uma extraordinária síntese teológica da Redenção: o Sangue de Cristo purifica, santifica, reconcilia, consagra e funda a Nova Aliança. A Paixão é interpretada à luz da liturgia do Templo e do Dia da Expiação, mas com uma

novidade radical: Cristo é simultaneamente sacerdote e vítima; entra não num santuário terrestre, mas no Santo dos Santos celeste; oferece não um sacrifício repetitivo, mas um sacrifício único e definitivo. Dessa forma, a teologia do Sangue em Hebreus ultrapassa a dimensão meramente cultural e manifesta a obra redentora como participação real na vida divina.

A meditação sobre o sangue de Cristo levou o autor da Carta aos Hebreus a elaborar uma nova compreensão do valor do sangue no culto divino. O valor do sangue de Cristo para o culto provém do fato de sua *oblação pessoal*, de sua entrega por amor, gratuita e total.

Essa leitura é confirmada na tradição joanina.¹⁰ A tradição joanina aprofunda de maneira singular a teologia do Sangue de Cristo ao interpretar a morte de Jesus não como derrota, mas como o momento supremo de sua glorificação e da manifestação plena do amor divino. No quarto Evangelho, a cruz aparece como exaltação do Filho e consumação de sua missão salvífica: Jesus ama os seus “até o fim” (Jo 13,1), entregando livremente a própria vida para comunicar ao mundo a vida divina. Nesse contexto, a cena do lado aberto assume extraordinária densidade teológica. Quando o soldado traspassa o lado de Cristo e imediatamente jorram sangue e água (Jo 19,34), o evangelista reconhece no fato um autêntico sinal de revelação. O sangue manifesta a vida oferecida em sacrifício redentor, enquanto a água remete ao dom do Espírito Santo, já anunciado por Jesus como fonte de água viva que brotaria para a vida eterna (cf. Jo 7,37-39). Assim, a Paixão não representa apenas o término da vida terrena de Cristo, mas o momento em que sua humanidade glorificada se torna princípio de vida nova para os crentes.

A estreita união entre o sangue e a água revela, portanto, a íntima relação entre a obra redentora de Cristo e a efusão do Espírito Santo. Na perspectiva joanina, o Pai glorifica o Filho precisamente através da cruz (cf. Jo 17,1-3), tornando fecunda sua entrega e transformando seu sangue em veículo de comunicação da vida divina. O sangue de Cristo não permanece como simples memória do sofrimento padecido, mas torna-se realidade vivificante, impregnada do Espírito e capaz de purificar, santificar e gerar comunhão com Deus. É nessa linha que a Primeira Carta de João afirma que “o sangue de Jesus nos purifica de todo pecado” (1Jo 1,7), inserindo a redenção no horizonte da participação na própria vida de Deus, “porque Deus é amor” (1Jo 4,8). A glorificação de Cristo consiste, assim, no fato de que sua humanidade,

¹⁰ Segundo a Ir. Teolinda Fraccica (1990) é aqui que se encontra o cerne do pensamento do Beato Tomás Maria Fusco. Na teologia joanina é possível vislumbrar a fonte da espiritualidade da Caridade do Preciosíssimo Sangue.

atravessada pela obediência e pelo amor até a morte, foi plenamente penetrada pelo Espírito Santo e tornou-se fonte permanente de graça para a Igreja. Desse modo, o sangue derramado na cruz manifesta não apenas a morte do Redentor, mas a comunicação efetiva da vida nova inaugurada pela Páscoa.

Diante desse percurso, torna-se evidente que a linguagem do sangue, na Escritura, não pode ser reduzida a categorias puramente culturais ou jurídicas. Ela remete, em sua raiz, à vida enquanto dom e, em sua plenitude cristológica, à vida entregue por amor. O sangue de Cristo é, portanto, a manifestação histórica de sua autodoação, isto é, da caridade levada ao extremo.

Assim, a categoria de “sangue” revela-se inseparável da de “caridade”: não há eficácia salvífica no sangue senão enquanto ele exprime a livre entrega da vida do Filho ao Pai, em favor da humanidade. Essa unidade, já presente de modo germinal na Escritura, constitui o fundamento para uma compreensão teológica da redenção que integra sacrifício e amor, evitando tanto reduções materialistas quanto abstrações simbólicas.

2 A caridade do sangue de Cristo na espiritualidade do beato Tomás Maria Fusco

A reflexão do beato Tomás Maria Fusco¹¹ insere-se no contexto da espiritualidade italiana do século XIX, marcada por forte ênfase cristocêntrica, sensibilidade eucarística e atenção à dimensão reparadora da vida cristã. Embora seus escritos não assumam a forma de um tratado sistemático, eles revelam uma coerência interna que permite identificar uma autêntica intuição teológica: a centralidade do sangue de Cristo como expressão máxima da caridade divina.¹²

¹¹ Tomás Maria Fusco (1831-1891) foi sacerdote italiano, fundador da Congregação das Filhas da Caridade do Preciosíssimo Sangue e uma das figuras mais significativas da espiritualidade do Preciosíssimo Sangue no século XIX. Nascido em Pagani, no sul da Itália, desenvolveu intensa atividade pastoral marcada pela pregação, direção espiritual, assistência aos pobres e formação cristã do povo. Sua espiritualidade foi profundamente cristocêntrica e eucarística, centrada no mistério da redenção realizado por Cristo mediante o derramamento de seu Sangue. Em seus escritos e em sua ação pastoral, destacou de modo particular a relação entre o Sangue de Cristo e a caridade divina, compreendendo o mistério redentor como expressão suprema da autodoação amorosa de Deus. Tomás Maria Fusco foi beatificado por São João Paulo II em 2001. Síntese da vida e obra do Beato: FRACCICA, T. Tommaso Maria Fusco. In: VEGLIANTI, T. (org.). *Dizionario Teologico sul Sangue di Cristo*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007, pp. 1384-1391.

¹² Segundo o teólogo italiano Pe. Pietro Schiavone, em sua obra *O amor maior... a personalidade e o carisma de Pe. Tomás Maria Fusco*, “O Sangue de Cristo sempre polarizou a atenção de Pe. Tomás M. Fusco: deu sentido e sabor à sua vida, “encheu” sua mente e seu coração, determinou suas opções, animou suas ações” (2024, p. 119).

Nos textos espirituais de Fusco, o sangue de Cristo aparece frequentemente associado à linguagem do amor extremo.¹³ Não se trata de uma mera repetição devocional de fórmulas tradicionais, mas de uma compreensão profundamente unificada, na qual o sangue é interpretado como sinal concreto da doação total de Cristo. Tal perspectiva evita uma leitura materialista ou fragmentada, pois não isola o sangue enquanto elemento físico, mas o entende como manifestação da vida oferecida.

Essa abordagem permite identificar, ainda que de forma implícita, uma intuição convergente com a tradição bíblica: o sangue como portador da vida e, portanto, como expressão da entrega. Em Fusco, porém, essa categoria é explicitamente atravessada pela noção de caridade. O sangue de Cristo não apenas redime, mas o faz enquanto expressão do amor que se doa até o fim. Assim, a redenção não é concebida primariamente como satisfação de uma exigência externa, mas como fruto da superabundância do amor divino.

2.1 O Sangue de Cristo como forma histórica da caridade trinitária

A inserção da espiritualidade do beato Tomás Maria Fusco no horizonte mais amplo da tradição teológica exige um duplo movimento: por um lado, reconhecer sua continuidade com as grandes sínteses da teologia católica; por outro, identificar o elemento específico que constitui sua contribuição própria. Tal abordagem evita tanto a absolutização de sua perspectiva quanto sua redução a mera repetição devocional.

Na tradição clássica, especialmente em Santo Anselmo de Cantuária (*Cur Deus Homo*, I, 21), a ênfase recai sobre a dimensão objetiva da redenção, compreendida em termos de satisfação. Ainda que essa teoria possua coerência interna e tenha sido posteriormente integrada em sínteses mais amplas, sua recepção frequentemente privilegiou categorias jurídicas, correndo o risco de obscurecer a centralidade do amor. Já em São Tomás de Aquino, encontra-se um avanço decisivo: a satisfação é compreendida no interior da caridade, uma vez que Cristo oferece sua vida livremente por amor (*Summa Theologiae*, III, q. 48, a. 2). Contudo, mesmo nessa síntese, a linguagem do sangue não é tematizada de modo explícito como categoria teológica central, permanecendo subordinada à estrutura geral do sacrifício.

¹³ Esta tese é apresentada pela Ir. Teodolinda Fraccica, FCPPS, em sua conferência sobre “A catequese sobre o Sangue de Cristo segundo o Beato Tomás Maria Fusco (1831-1891)”. Disponível em: Ata do IV Congresso Pastoral “O mistério do Sangue de Cristo e a catequese”. Roma, 27-30 de dezembro de 1990.

No período contemporâneo, teólogos como Hans Urs von Balthasar e Karl Rahner contribuíram significativamente para recuperar a dimensão trinitária e existencial da redenção.¹⁴ Em particular, a reflexão de Joseph Ratzinger insiste na cruz como revelação do amor de Deus¹⁵, superando leituras que opõem justiça e caridade. Para Ratzinger, a entrega de Cristo é expressão da unidade entre o Filho e o Pai no Espírito, tornando visível, na história, o amor trinitário.

É nesse contexto que se pode situar a originalidade de Fusco. Sua contribuição não consiste na formulação de um novo modelo soteriológico, mas na intensificação e focalização de um elemento específico: **a identificação do sangue de Cristo como linguagem privilegiada da caridade redentora**. Enquanto a tradição frequentemente articula amor e sacrifício em termos mais gerais, Fusco concentra essa unidade na categoria concreta do sangue, compreendido como expressão da vida entregue.

Tal deslocamento possui relevância teológica. Ao assumir o sangue como categoria central, Fusco evita tanto a abstração conceitual quanto a fragmentação simbólica. O sangue não é tratado como um elemento isolado, mas como síntese visível da entrega total de Cristo. Dessa forma, ele se torna mediação concreta entre a dimensão histórica da cruz e a profundidade trinitária do amor divino.

Segundo a teóloga italiana, Ir. Teodolinda Fraccica, FCPPS, “a espiritualidade do Sangue no Beato não está inscrita na simples devoção, isto é, na perspectiva da exterioridade de um fato, mas supera o sinal-efeito e vai diretamente para a “causa” para a qual foi derramado e isto é, para a caridade”. Isto se deduz das próprias afirmações/orações do Beato Tomás Maria Fusco¹⁶:

¹⁴ A tese de Rahner e de outros teólogos contemporâneos aparecem resumidamente no documento da Comissão Teológica Internacional: *ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A TEOLOGIA DA REDENÇÃO* (1995). Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1995_tologia-redenzione_po.html#Parte_III_Perspectivas_hist%C3%B3ricas. Acesso em: 24 de fevereiro de 2026.

¹⁵ “A cruz aparece no Novo Testamento em primeiro lugar como um movimento que vai de cima para baixo. Ela não tem a função de uma reparação que a humanidade oferece ao Deus irado, ela é, isso sim, a expressão daquele amor insensato de Deus que se entrega e se rebaixa para salva o ser humano; é ele que vem a nós, não somos nós que vamos a ele” (Ratzinger, 2006, p. 209).

¹⁶ Estas e outras orações encontram-se em FUSCO, Beato Tomás Maria. *A piedosa devoção ao Sangue Preciosíssimo de Nosso Senhor Jesus Cristo*. Rio de Janeiro: Benedictus, 2023. A obra é uma tradução de *Pio Esercizio in onore del Sangue Preziosissimo di N. Signore Gesù Cristo* (Piedoso Exercício em honra do Sangue Preciosíssimo de N. Senhor Jesus Cristo), para o uso da Piedosa Congregação do referido Sangue, instituída em Pagani na Igreja de Santa Maria Incoronata del Carmine, chamada “delle Galline”, sob o título do SS. Crucifixo. Tipografia Stabiana, Castellamare, 1865, 54 páginas. O opúsculo teve uma segunda edição: *Pio Esercizio in onore Del Preziosissimo Sangue di Nostro Signore Gesù Cristo*, para uso dos membros da Piedosa União, aos cuidados do Cônego Tomás M. Fusco, Missionário apostólico, Tipografia della Campana Del Mezzodi, Scafati, 1890, 167 p.

“Misericordioso Redentor Jesus, queremos amar com todo o coração o teu precioso Sangue, derramado com tanto amor por nós.”

“Meu Jesus, o teu Sangue respira caridade, quer caridade. Faz cair uma gota do teu Sangue sobre o meu coração e eu serei todo caridade.”

Essas duas frases do Beato Tomás Maria Fusco exprimem, de maneira profundamente espiritual e catequética, a íntima relação entre o Sangue de Cristo e a caridade divina. Nelas, o Sangue não aparece apenas como sinal da paixão ou instrumento jurídico de redenção, mas como manifestação viva do amor de Deus e princípio transformador da vida cristã. Na primeira frase, o núcleo teológico está na compreensão do Sangue como expressão máxima da misericórdia redentora. O Sangue “derramado” revela a total autodoação de Cristo; não é simplesmente sangue sofrido, mas sangue oferecido “com tanto amor”. Amar o Sangue de Cristo significa, portanto, contemplar e acolher o amor extremo manifestado na cruz. Há aqui uma espiritualidade afetiva e reparadora: o fiel responde ao amor derramado por Cristo com amor, veneração e gratidão. Já a segunda frase possui um caráter ainda mais místico e transformador. O Sangue de Cristo é apresentado como realidade viva, portadora da própria caridade divina. Dizer que o Sangue “respira caridade” significa afirmar que toda a paixão de Cristo é movida pelo amor; e dizer que ele “quer caridade” indica que o fruto da redenção é a transformação interior do homem em amor. Assim, o Sangue não apenas redime exteriormente, mas comunica interiormente a vida de Cristo, convertendo o coração humano. A imagem da “gota” que cai sobre o coração exprime a graça santificante que conforma o fiel ao amor de Cristo. Por isso, pode-se dizer que, para o Beato Tomás Maria Fusco, o Sangue de Cristo não é apenas objeto de devoção, mas verdadeira pedagogia do amor divino. Pode-se, assim, formular a intuição fundamental presente em sua espiritualidade nos seguintes termos: o sangue de Cristo constitui a forma histórica da caridade divina (trinitária), pois o Sangue é “sinal irrefutável do infinito amor trinitário pela humanidade” (Schiaivone, 2024, p. 119).

No Prefácio das Regras das Filhas da Caridade do Preciosíssimo Sangue, Congregação fundada por Tomás Maria Fusco, encontra-se expressa, de modo singular, a compreensão da caridade como fruto e manifestação do Sangue redentor de Cristo. Nesse sentido, o Beato afirma:

Ora, esta Congregação que vive e milita sob o título glorioso do Preciosíssimo Sangue de Jesus Cristo, deve necessariamente retratar em si e refletir a mais

viva imagem daquela divina caridade com a qual foi derramado e do qual o próprio Sangue divino foi, e é, sinal, expressão, medida e penhor.¹⁷

A afirmação de Tomás Maria Fusco revela uma profunda síntese entre cristologia, espiritualidade e vida eclesial. O Sangue de Cristo não é compreendido apenas como símbolo da paixão, mas como manifestação concreta da caridade divina levada ao extremo da autodoação. Nessa perícope, o núcleo teológico concentra-se particularmente na expressão final — “o próprio Sangue divino é sinal, expressão, medida e penhor” —, pois nela transparece uma das intuições centrais do Fundador: o Sangue de Cristo manifesta, de modo pleno, as múltiplas dimensões da caridade divina. Ao utilizar essas quatro categorias, Fusco procura evidenciar que o mistério redentor não pode ser dissociado do amor oblato de Deus revelado na cruz. Comentando essa densa síntese teológica, o teólogo italiano Pe. Pietro Schiavone, na obra *O amor maior... a personalidade e o carisma de Pe. Tomás Maria Fusco*, detém-se sobre cada uma dessas expressões fundamentais, ressaltando sua riqueza espiritual e doutrinal:

SINAL: o Sangue, na realidade, “foi e é”¹⁸ “sinal”, serve para recordar e ajudar a “passar” à coisa significada, no caso: à caridade divina. Portanto, não é necessário parar apenas no Sangue, mas, nele, procurar e compreender do que é sinal.¹⁹

EXPRESSÃO: temos expressões dialetais ou próprias de outra língua, que é difícil traduzir e explicar adequadamente. Da mesma forma, certos sinais, certas atitudes, são tão cheios de sentido que não podem ser explicados com palavras. São elementos da linguagem que servem, em determinado contexto cultural, para dizer, com precisão e clarezas únicas, o que se passa

¹⁷ *Regole e Costituzione della Compagnia delle Figlie della Carità del Preziosissimo Sangue di G.C.* (Regras e Constituições da Companhia das Filhas da Caridade do Preciosíssimo Sangue de J.C.) aos cuidados do M.R. Pe. Tomás M. Fusco, Missionário apostólico, Pagani, Ano do Senhor de 1883, 43 páginas.

¹⁸ Note-se mais uma vez como o Fundador enfatiza a atualidade do mistério; daí deve-se deduzir também que a Eucaristia – memorial e representação do sacrifício da Cruz – é outro elemento essencial para a espiritualidade da Congregação.

¹⁹ Pode-se dizer que o Sangue é um elemento secundário (como todo sinal enquanto sinal) em relação à caridade que é a coisa significada. “Pode-se dizer”. Mas, no caso concreto, devemos afirmar que ambos os elementos, sangue e caridade, são importantíssimos. A expressão do Fundador diz com toda evidência, que não devemos parar no Sangue e que, se quisermos compreender a riqueza e descobrir todos os conteúdos do carisma, devemos ir além do Sangue; ou melhor, entrar no sangue para vê-lo todo animado e substanciado pela caridade. O Sangue palpita de caridade. O Sangue é a caridade palpitante.

na mente e no coração. Pensemos no olhar materno, em certos apertos de mão, em certos abraços. O Sangue de Jesus não é uma frase, não é um gesto, mas um “fato”, que exprime e manifesta a caridade divina – produzindo, graças à ação do Espírito, nos corações - certezas e convicções inequívocas.²⁰

MEDIDA: o comprimento, a altura, a profundidade a imensurável grandeza da divina caridade.

PENHOR: referimo-nos no adiantamento que é dado como prova definitiva de compra ou realização de algo. Quanto mais consistente for o “penhor”, mais séria e sincera é a intenção de “comprometer-se”. O Sangue de Jesus nos diz toda a caridade do Pai. (Schiavone, 2024, pp. 144-146)

Ao afirmar que o Sangue é “sinal, expressão, medida e penhor” da caridade, o Beato indica que toda a obra redentora encontra sua inteligibilidade última no amor de Deus que se entrega pela humanidade. O Sangue derramado torna-se, assim, linguagem visível da misericórdia divina, expressão sacrificial da caridade trinitária e testemunho irrevogável da salvação oferecida em Cristo. O cristão não deve apenas a venerar o mistério redentor, mas a reproduzir existencialmente sua lógica espiritual, isto é, refletir, na vida concreta, a mesma dinâmica oblativa manifestada na cruz. A caridade não aparece aqui como simples virtude moral ou prática assistencial, mas como participação no amor redentor de Cristo, tornado visível no dom do seu Sangue.

Essa afirmação não introduz uma ruptura com a tradição, mas explicita uma implicação nela já contida. Se, como afirma a Escritura, “Deus é amor” (1Jo 4,8), e se a cruz é a manifestação suprema desse amor, então o sangue derramado por Cristo não pode ser compreendido senão como a expressão histórica desse mesmo amor. Fusco a exprime em linguagem espiritual e contemplativa, concentrando-a na materialidade simbólica do sangue. Sua originalidade consiste, portanto, em tornar tangível aquilo que a teologia frequentemente exprime em termos conceituais.

Essa abordagem possui também implicações para a compreensão da relação entre objetividade e subjetividade na redenção. Ao falar do sangue como expressão da caridade, Fusco mantém unidas a eficácia objetiva do sacrifício de Cristo e sua recepção existencial pelo fiel. O sangue redime

²⁰ É o que João XXIII enfatizou na carta apostólica *Inde a primis* de 30 de junho de 1960. Nas primeiras linhas do documento, o Papa convida os fiéis “a voltarem-se com ardente fervor para a expressão divina da misericórdia do Senhor em cada uma das almas, em sua Igreja santa e no mundo inteiro, do qual Jesus continua sendo Redentor e Salvador. Queremos falar da devoção ao Preciosíssimo Sangue” (*Encicliche e discorsi di Giovanni XXIII*, ED. Paoline, Roma, 1961, p.244).

porque é expressão do amor; e esse amor, uma vez acolhido, transforma a vida do crente, configurando-o à lógica da doação.

Além disso, sua ênfase permite superar uma tensão recorrente entre transcendência e história. A caridade trinitária, enquanto realidade eterna, poderia ser percebida como distante ou abstrata; ao ser manifestada no sangue de Cristo, ela se torna visível, concreta e acessível. O sangue, nesse sentido, não é apenas um símbolo, mas o lugar onde o amor eterno de Deus se inscreve na história humana.

2.2 O sangue derramado até o fim como expressão da unidade entre sacrifício e caridade

A reflexão sobre o sangue de Cristo atinge seu ponto mais alto quando se considera sua relação intrínseca com a unidade entre sacrifício e caridade. Com efeito, uma das dificuldades recorrentes na teologia da redenção consiste em manter unidas essas duas dimensões sem reduzi-las uma à outra: ou o sacrifício é interpretado em chave jurídicista, correndo o risco de obscurecer o amor, ou a caridade é enfatizada de tal modo que o caráter sacrificial da cruz se dilui em exemplaridade moral.

A linguagem do sangue, porém, oferece uma via privilegiada para superar essa dicotomia. Na medida em que, na tradição bíblica, o sangue designa a vida enquanto dom, seu derramamento não pode ser compreendido senão como ato de entrega.²¹ Assim, o sangue derramado “até o fim” (cf. Jo 13,1) não expressa apenas a morte de Cristo, mas a totalidade de sua autodoação. Não se trata de um evento meramente físico, mas de um ato pessoal, no qual o Filho oferece a si mesmo ao Pai em favor da humanidade.

O Padre Tomás instrui o povo de Deus, forma-o na verdadeira piedade cristã, propondo a consideração do sangue visto não em si mesmo, não na sua realidade dramática, como recordação da vida derramada, isto é, separada do corpo. Isso seria simplesmente redutivo. Acima de tudo, ele

²¹ A Escritura não oferece uma teoria da redenção, mas um evento: o sangue derramado. E esse sangue, longe de constituir um elemento secundário ou meramente cultural, designa a vida entregue. Assim, a questão decisiva não é saber se a redenção é sacrifício ou caridade, mas reconhecer que, no evento da cruz, o sacrifício é a própria forma histórica da caridade. É precisamente nesse ponto que a intuição espiritual do beato Tomás Maria Fusco adquire relevância teológica. Ao falar da “caridade do sangue de Cristo”, ele não propõe uma nova teoria, mas reconduz a reflexão ao seu centro: o lugar onde o amor se torna visível. O sangue não é um símbolo entre outros, mas a forma concreta sob a qual a caridade se dá na história.

pretende fazer compreender no sangue esse elemento-sinal invisível, mas real, que ultrapassa os sentidos. O sangue derramado por Jesus é uma “linguagem”, uma “revelação” de um amor incomum, da caridade de Deus manifestada ao mundo na morte sangrenta do Filho. (Fraccica, 1990).

Nesse horizonte, o sacrifício deixa de ser entendido como uma exigência externa e passa a ser reconhecido como forma concreta da caridade. Cristo não ama *apesar* de se sacrificar, nem se sacrifica como condição prévia para amar; antes, seu sacrifício é o próprio ato de amor em sua forma mais plena. O derramamento do sangue não é, portanto, um elemento adicional à caridade, mas sua expressão histórica e visível.

Essa unidade pode ser iluminada à luz da tradição teológica, especialmente na síntese de São Tomás de Aquino, para quem o valor do sacrifício de Cristo deriva da caridade com que ele se oferece. Contudo, ao enfatizar o sangue como lugar dessa expressão, torna-se possível aprofundar essa intuição: a caridade não permanece em um plano interior ou invisível, mas assume uma forma concreta, corpórea e histórica.

Nesse sentido, o “até o fim” não indica apenas a intensidade do sofrimento, mas a radicalidade da doação. O sangue derramado até o fim é a vida totalmente entregue, sem reserva, e por isso mesmo manifesta a perfeição da caridade. Trata-se de um amor que não se limita a intenções, mas que se traduz em oblação real, capaz de transformar a condição humana. O que o sangue torna patente é precisamente essa visibilidade: o amor eterno do Pai, comunicado no Filho, não permanece oculto, mas se inscreve na realidade concreta da existência humana.

Por conseguinte, o sangue derramado até o fim revela que sacrifício e caridade não são duas categorias justapostas, mas duas dimensões de um único ato: a autodoação do Filho. O sacrifício é a forma que a caridade assume na história marcada pelo pecado; a caridade é o conteúdo interior que dá sentido ao sacrifício. Separá-los conduz inevitavelmente a reduções — seja à violência sacralizada, seja ao moralismo exemplar —, enquanto sua unidade restitui à cruz sua verdadeira identidade como evento de amor.

Assim compreendido, o sangue de Cristo aparece como o lugar teológico onde essa unidade se torna inteligível: ele é, ao mesmo tempo, sinal do sacrifício e manifestação da caridade, expressão visível da vida entregue. O “derramar até o fim” não acrescenta algo à redenção, mas revela sua essência mais profunda: o amor que se doa totalmente e, ao fazê-lo, salva.

Conclusão: o Sangue de Cristo como forma histórica da Caridade Trinitária

O percurso desenvolvido ao longo deste estudo — partindo da fundamentação bíblica, passando pelo desenvolvimento dogmático e culminando na análise da espiritualidade do beato Tomás Maria Fusco — permite formular uma síntese teológica capaz de integrar, de modo unitário, as diversas dimensões da redenção cristã.

A Escritura revelou que o sangue não pode ser compreendido como um elemento meramente material ou ritual, mas como expressão da vida enquanto dom.²² No horizonte veterotestamentário, ele indica a pertença da vida a Deus e sua função na mediação da aliança; no Novo Testamento, atinge sua plenitude ao ser identificado com a própria vida do Filho entregue por amor. A tradição teológica, por sua vez, procurou explicitar essa realidade em diferentes categorias — sacrifício, satisfação, recapitulação —, convergindo, em sua forma mais madura, para a compreensão da redenção como obra da caridade divina.

À luz desse percurso, torna-se possível afirmar que o sangue de Cristo não possui eficácia salvífica por si mesmo, como se fosse um elemento isolado, mas enquanto expressão da autodoação do Filho ao Pai, no Espírito. Em outras palavras, sua eficácia deriva da caridade que ele manifesta. Tal afirmação permite superar tanto interpretações materialistas do sacrifício quanto leituras puramente simbólicas ou moralizantes, restituindo à redenção sua unidade interna.

É precisamente nesse ponto que a intuição do beato Tomás Maria Fusco adquire relevância teológica. Ao concentrar a atenção na “caridade do sangue de Cristo”, sua espiritualidade explicita, em linguagem concreta, aquilo que a tradição afirma em termos conceituais: a inseparabilidade entre sangue, vida e amor. Sua contribuição consiste, portanto, em oferecer uma mediação simbólica densa, capaz de tornar perceptível a dimensão caritativa da redenção.

A partir dessa convergência, pode-se formular a tese central deste estudo: o sangue de Cristo constitui a forma histórica da caridade trinitária. Essa proposição articula três níveis inseparáveis. Em primeiro lugar, afirma a origem trinitária da redenção: é o amor do Pai que envia o Filho, e é no Espírito que o

²² Nesse sentido, concorda Joseph Ratzinger, em sua obra *Introdução ao Cristianismo* (2006, p. 212): “Esse sangue não deve ser entendido como uma oferta material, como uma reparação quantitativa, e sim como a simples concretização de um amor do qual se diz que vai até o extremo (Jo 13,1).”

Filho se oferece. Em segundo lugar, reconhece a historicidade dessa caridade, que não permanece no plano abstrato, mas se manifesta concretamente na encarnação e na cruz. Por fim, identifica no sangue o lugar onde essa caridade se torna visível como vida entregue.

Tal compreensão permite reinterpretar a categoria de sacrifício de modo não jurídicista.²³ O sacrifício de Cristo não consiste primariamente em uma compensação exigida por Deus, mas na livre obediência amorosa do Filho, que se doa totalmente ao Pai em favor da humanidade. O sangue, nesse contexto, não é o preço de uma dívida, mas a expressão dessa doação total. A redenção aparece, assim, como evento de amor, no qual Deus não apenas age em favor do homem, mas se comunica a ele.²⁴

No entanto, ao enfatizar o sangue como forma histórica dessa caridade, a perspectiva aqui proposta acrescenta uma mediação concreta que evita tanto a abstração conceitual quanto a diluição simbólica, mantendo unidas transcendência e história. Além disso, essa abordagem ilumina a dimensão participativa da redenção. Se o sangue de Cristo é expressão da caridade, então a salvação consiste na inserção do homem nessa dinâmica de amor. A vida cristã não se reduz à recepção passiva de um benefício externo, mas implica a conformação à lógica da doação, pela qual o fiel é chamado a participar da caridade redentora de Cristo. Nesse sentido, a redenção possui uma dimensão intrinsecamente transformadora, que atinge o próprio modo de existir do crente.

O Sangue de Cristo, entendido como “linguagem da caridade divina”, constitui o núcleo da espiritualidade e da catequese do Beato Tomás Maria Fusco. Desse modo, a reflexão sobre o Sangue de Cristo ultrapassa uma devoção meramente afetiva ou sentimental, assumindo profundo conteúdo teológico e cristológico, e a redenção passa a ser compreendida a partir da lógica da autodoação amorosa de Cristo, uma vez que o Sangue derramado na cruz constitui a revelação histórica da caridade divina.

²³ Para o Beato Tomás Maria Fusco, a redenção realizada por Cristo não deve ser compreendida apenas como satisfação pelo pecado (Santo Anselmo de Cantuária, *Cur Deus Homo*, I, 21), mas sobretudo como manifestação suprema da caridade trinitária, tornada visível no derramamento do Sangue de Cristo, cuja eficácia salvífica continua viva na Igreja, na Eucaristia e na missão evangelizadora.

²⁴ Essa síntese encontra profunda consonância com a reflexão de um dos mais importantes teólogos, Joseph Ratzinger / Papa Bento XVI, para quem o sangue também constitui a revelação suprema do amor divino. O Sangue “é expressão da totalidade de sua entrega e de ser serviço, expressão máxima do fato de que ele não oferece nada mais nem nada menos do que a si próprio” (Ratzinger, 2006, p. 212). Portanto, o sangue derramado é expressão do “amor que se dá por inteiro”, por isso é a única reconciliação verdadeira do mundo com Deus.

Nesse sentido, a contribuição de Tomás Maria Fusco, ainda que situada no âmbito da espiritualidade, apresenta uma fecundidade teológica que merece ser reconhecida e aprofundada. Ao enfatizar a “caridade do sangue”, ele não apenas retoma uma linguagem tradicional, mas a reinscreve no centro da experiência cristã, oferecendo uma perspectiva capaz de dialogar com as exigências da reflexão contemporânea.

Por fim, a síntese proposta abre caminhos para futuras investigações, especialmente no que diz respeito à relação entre redenção, liturgia e vida cristã, bem como à articulação entre a dimensão trinitária da salvação e sua manifestação histórica. Ao recolocar a caridade no centro da compreensão do sangue de Cristo, a teologia da redenção pode reencontrar sua unidade e sua força originária: a revelação de Deus como amor que se entrega até o fim.

Referências

BENTO XVI. Carta Encíclica *Deus Caritas Est*: Sobre o amor cristão. São Paulo: Paulinas, 2005.

BÍBLIA *Sagrada de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

BURKE, R. L. *O Amor Divino Encarnado*. A Sagrada Eucaristia como Sacramento da Caridade. Campinas: Ecclesiae, 2017.

CALDERARO, L. *Le virtù del Beato Tommaso Maria Fusco*. Roma: Nova Res, 2015.

Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CONTEGIACOMO, L. Antico Testamento. In: VEGLIANTI, T. (org.). *Dizionario Teologico sul Sangue di Cristo*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007, pp. 88-94.

CONTEGIACOMO, L. Nuovo Testamento. In: VEGLIANTI, T. (org.). *Dizionario Teologico sul Sangue di Cristo*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007, pp. 964-972.

FIGLIE DELA CARITÀ DEL PREZIOSISSIMO SANGUE. *Il Sangue che rivela l'Amore*. Roma: Centro Studi Sanguis Christi, 1987.

FRACCICA, T. Tommaso Maria Fusco. In: VEGLIANTI, T. (org.). *Dizionario Teologico sul Sangue di Cristo*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007, pp. 1384-1391.

FUSCO, Beato Tomás Maria. *A piedosa devoção ao Sangue Preciosíssimo de Nosso Senhor Jesus Cristo*. Rio de Janeiro: Benedictus, 2023.

FUSCO, T. M. *Constituições das Filhas da Caridade do Preciosíssimo Sangue*. Roma: Grasso, 1990.

FUSCO, T. M. *Diretório das Filhas da Caridade do Preciosíssimo Sangue*. Roma: Grasso, 1995.

FUSCO, T. M. *L'amore non ha legge*. Raccolta di novene, preghiere e massima. Roma: Città Nuova, 2005.

FUSCO, T. M. *Regolamento di vita devota*. Figlie della Carità del Preziosissimo Sangue. Roma: Grasso, 2007.

FUSCO, T. M. *Signore insegnaci a pregare*. Figlie della Carità del Preziosissimo Sangue. Roma: Grasso, 2006.

McKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico*. 6ª. ed. São Paulo: Paulus, 1983.

MICCI, Costanzo. La storia del sangue. In.: FIGLIE DELLA CARITÀ DEL PREZIOSISSIMO SANGUE. *Il Sangue che rivela l'Amore*. Roma: Centro Studi Sanguis Christi, 1987, pp. 25-48.

PAPÀSOGLI, G.. *Tra Borboni e Garibaldini, Tommaso Maria Fusco, Piccola Opera della Redenzione*. Napoli: Scuola Tipografica Istituto Anselmi, 1972.

SCHIAVONE, P. *O Amor maior*. A personalidade e o carisma de Pe. Tomás Maria Fusco. Rio Bonito: Benedictus, 2024.

VANHOYE, A. Catechesi bíblica sul sangue di Cristo, In.: TRIACCA, A. M. (org.), *Il mistero del sangue di Cristo e la catechesi, "Sangue e Vita"*, 9ª ed., Roma: Pia Unione Prez.mo Sangue, 1991, p. 17-35.

VANHOYE, A. Sangue di Cristo (nella Lettera agli Ebrei). In: VEGLIANTI, T. (org.). *Dizionario Teologico sul Sangue di Cristo*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007, pp. 1175-1181.

Artigo recebido em 20/05/2026 e aprovado para publicação em 08/06/2026

Como citar:

HOHEMBERGER, Gilcemar. A eficácia salvífica da Caridade do Sangue de Cristo: Teologia da redenção a partir do beato Tomás Maria Fusco. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 25, n. 49, p. 139-160, jan./jun. 2026. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v25i49-2026-8>.